

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



LIBERALISMOS

VOLUME 37. 2.^a SÉRIE - 2019

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Ditadura Militar brasileira para alcançar níveis de desenvolvimento mais elevados. Igualmente o artigo demonstra como a representação de interesses recupera elementos associados ao corporativismo, nomeadamente a centralização de funções e coordenação estatal na resolução e implementação de políticas económicas.

A obra encerra com a temática da integração e controlo do poder local na orgânica administrativa do Estado Novo. É com o contributo de António Rafael Amaro, no artigo «Corporativismo e representação política das autarquias em Portugal durante o Estado Novo (1936-1959)» que é revelada uma das problemáticas a que o regime autoritário português tentou dar cobro, mas de forma ambivalente. A organicidade pretendida na representação e administração dos municípios e províncias acabou por ser subvertida numa clara demonstração da prevalência do princípio do «controlo efetivo, pelo governo central, dos poderes periféricos» (p. 302).

Em síntese, a obra da qual deixamos as precedentes notas de leitura trata-se de um trabalho sólido, metodologicamente rigoroso, alicerçado na mais recente investigação sobre a temática e que convida a reflexões várias. Elenca ainda os contributos teóricos subjacentes à adoção e implementação do corporativismo e demonstra ainda como tal projeto se revestiu mais como mecanismo de consolidação dos regimes português e brasileiro do que uma ideia emergente da sociedade civil. Desta forma, e através desta leitura com a colaboração de vários autores, é possível ver que o corporativismo foi adquirindo uma certa plasticidade, moldando-se em várias territorialidades, adaptando-se a outros contextos e suscitando debates diversos.

LEONARDO ABOIM PIRES

leonardopires5@hotmail.com

Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa

ORCID: [org/0000-0001-6033-350X](https://orcid.org/0000-0001-6033-350X)

https://doi.org/10.14195/2183-8925_37_16

Marc Ferro, *A Cegueira – Uma outra história do nosso mundo*, Amadora, Cavalo de Ferro, 2017, 445 p., ISBN 978-989-623-243-6.

A Cegueira, de Marc Ferro, é um ensaio de fundo historiográfico que aborda a generalidade do século XX europeu, em particular as grandes transformações sociopolíticas, e alguns dos grandes debates do início do novo milénio.

Com enfoque no século francês, a narrativa constitui-se essencialmente a partir de dois vetores: por um lado, a *negação* e, por outro, a *credulidade* de cidadãos comuns, dirigentes políticos e intelectuais perante a iminência

de convulsões políticas e das tragédias sociais representadas por regimes políticos totalitários. Nesse sentido, a obra remete-nos, por exemplo, para a «cegueira» do conservador Alain Peyrefitte, ministro da Educação de De Gaulle que, semanas antes da explosão de Maio de 68 afirmava que «aquilo de mais se orgulhava era a sua ação na Educação Nacional» (p. 18), ou de Léon Blum, principal dirigente do Partido Socialista francês, que após as eleições alemãs do final de 1932 declarava que Hitler estava então «excluído da esperança do poder». Ainda sobre o ascensão do nazismo, Ferro lembra que a falta de clarividência não era um defeito apenas de Blum ou dos socialistas franceses: *L'action Française* referia-se ao «crepúsculo de Hitler» depois do partido nazi passar de 37% a 31% dos votos; o Quai d'Orsay salientava que «a desagregação do movimento prossegue em movimento rápido»; meses depois, Manouïlski, dirigente do *Comitern*, observava a presidência de Hitler como um «sucesso [...] passageiro, uma anomalia efémera» (p. 107).

Ferro é também exaustivo relativamente ao que denomina de «paixão do século» (p. 49) – o comunismo –, nomeadamente em relação à «paixão crédula», nas palavras de Derrida, que os intelectuais marxistas ou próximos do marxismo nutriam relativamente à URSS de Estaline, Krushov, Brejnev e, mais tarde, à China de Mao. É nesse quadro que o autor aproveita as palavras de Egdar Morin sobre o «auto-engano sincero» e o desmaio e paralisia de militantes comunistas polacos enquanto ouviam excertos do «relatório Krushov», em fevereiro de 1956 (p. 194).

Claro que Ferro não reserva cegueiras ou credulidades apenas ao estalinismo ou ao nazismo mas também a largos setores liberais. Nesse sentido, e com uma pequena incursão no século XXI, o autor cita um artigo do *Financial Times*, de 7 de janeiro de 2001, sobre a economia Grécia: «Como as trocas com a Grécia serão doravante feitas em euros, poucos chorarão o desaparecimento do dracma. Pertencer à Zona Euro é a garantia de uma estabilidade económica a longo prazo» (p. 95).

O autor retoma ainda o tema do livro *Cinema e História* procurando tornar evidente o papel da *sétima arte* na formação de ideias hegemónicas que nem sempre correspondem à realidade histórica. O filme alemão *A Queda – Hitler e o fim do terceiro Reich*, de Oliver Hirschbiegel, é, para Ferro, disso exemplo. Nesta longa-metragem «o espectador é convidado a identificar-se com os defensores da capital alemã, soldados, oficiais e generais» (p. 380), os mesmos que torturaram e assassinaram milhões de pessoas. Paralelamente o autor francês refere como o filme *E Tudo o Vento Levou*, realizado e exibido num regime democrático, se apresenta sem «tomar partido» sobre o contexto político que lhe dá forma, a Guerra Civil Americana, desprezando-a e referindo-a apenas «para estigmatizar o conflito enquanto tal». Para Ferro, o filme de Margaret Mitchell é «um filme-obnubilação» (p. 382).

Se os primeiros capítulos do livro estão praticamente circunscritos à história do século XX e à sua análise, os últimos reservam-se à posição política e intelectual do cidadão e historiador perante o século que há pouco começou. Ferro aborda assim questões-chave do nosso século como o populismo – que, segundo o próprio, traduz-se na «hostilidade [das classes populares] contra as elites», alimentada pelo «ressentimento» (p. 334) –; a comunicação social, em particular a «televisão da insignificância» (p. 369) e da «religião do direto» (p. 370) – à mercê das «leis do mercado» e que exige do «cidadão» o «dever [...] de se questionar» sobre a forma «como é informado» (p. 366) –; ou a «cegueira cruzada» dos dirigentes políticos contemporâneos embrenhados de «preconceitos nacionalistas» (p. 346).

No final do livro, Ferro reproduz um texto relevantíssimo cedido por Maya Goyet colocando em causa o «politicamente correto» nos regimes democráticos, ou seja, os subterfúgios da linguagem política – à imagem da *novilíngua* de George Orwell –, em particular, os que neutralizam a questão política e semântica da pobreza e da miséria, em particular as siglas – em Portugal, por exemplo, o RSI (Rendimento Social de Inserção). Para Goyet, «com a crise e o espetacular aumento de gente sem casa ou apartamento, foi preciso encontrar novas estratégias de evitamento». Em jeito de conclusão, Goyet afirma que «a denominação controlada põe em cheque a realidade. E conduz à cegueira...» (p. 434-439). Os resultados, sabemos, poderão ser imprevisíveis.

Por fim, crê-se da maior justiça sublinhar a forma como Ferro denuncia o apagamento de Leon Trotsky na história da Rússia no fim do livro. No entanto, não obstante os méritos de *A Cegueira*, Marc Ferro não faz jus a tal denúncia e ao seu vasto conhecimento sobre a União Soviética, descartando da narrativa o dirigente político que, além de se encontrar no centro dos grandes debates do século XX, evidenciou, para utilizar as próprias palavras do autor, uma «clarividência profética» (p. 17). Como afirma o historiador francês no início da obra, «a capacidade de previsão [...] só pode decorrer da capacidade de análise» (p. 22). Nesse sentido, deveria ser referido que, ao contrário do que afirma Ferro, o «sucesso» da revolução russa não foi assim tão «inesperado» (p. 49). Desde a Revolução de 1905 que Trotsky vinha anunciado a real possibilidade da Rússia sofrer uma revolução de carácter socialista. Em segundo lugar, também ao contrário do autor francês, o pacto germano-soviético não se encontra entre os acontecimentos «fulminantes» (p. 17) que apareceram súbita e surpreendentemente. Desde a primeira metade da década de 1930 que o antigo dirigente bolchevique vinha alertando para um pacto do género entre os dois regimes totalitários. Ferro volta a equivocarse aquando da referência ao fim da União Soviética afirmando que «à excepção de duas vozes isoladas [Andrei Amalrik, em 1970, e Emmanuel Todd, em 1976] ninguém imaginava o fim do regime

comunista, uma revolução sem revolucionários» (p. 295). Ora, talvez seja verdade que durante a década de 1980 fossem poucos os que imaginavam o fim da União Soviética. No entanto, ao longo da década de 1930 o autor de *A Revolução Traída* afirmava que as contradições encerradas pelo regime de Estaline levariam à restauração do capitalismo na União Soviética caso uma revolução política não eliminasse a alegada casta burocrática dirigente. Trotsky voltaria a estar certo, inclusivamente na tese de que os antigos burocratas seriam os novos capitalistas.

Curiosamente, este apagamento de Trotsky não tem paralelo nas também recentemente publicadas *Memórias*, de Raymond Aron. O autor de *O Ópio dos Intelectuais* recorda os artigos da sua autoria em 1933, nos quais afirmava, por exemplo: «creio ser justa a interpretação que Trotsky propõe da política nazi, com uma ressalva: não penso que os planos do ditador sejam tão precisos e tão claros» (Aron 2018: 70). Mas eram. Aron reconhece o seu erro *a posteriori*. Trotsky tinha razão. A «clarividência profética» (p. 17) que Ferro admite em alguns, não a admite a Trotsky. E esse é o principal erro.

Em todo o caso, *A Cegueira* revela-se um excelente livro para todos os que pretendem um olhar autoral sobre o século XX, mais focado na interpretação dos acontecimentos por parte dos diversos agentes da História do que propriamente dos acontecimentos em si.

Bibliografia:

- Aron, Raymond (2018). *Memórias*. Lisboa: Guerra & Paz, p. 70.
Ferro, Marc (2017). *A Cegueira – Uma outra história do nosso mundo*. Amadora: Cavalo de Ferro.

JOÃO MOREIRA

joaomoreira.iscte@gmail.com

Instituto de Ciências Sociais e Humanas – Universidade de Lisboa

ORCID: 0000-0002-2408-3790

https://doi.org/10.14195/2183-8925_37_17

Peter Frankopan, *As Rotas da Seda: uma nova história do mundo*, Lisboa, Relógio D'Água, 2018, 726 p., ISBN: 9789899980730

Publicado originalmente em 2015 e traduzido para português em março de 2018 com a chancela da Ítaca, Relógio D'Água, *As Rotas da Seda* de Peter Frankopan, que conheceu um notável sucesso internacional, é a todos os